



O galpão, depois de reformado, será um salão de festas e de oficinas



Dos quatro banheiros no prédio, dois estão praticamente inutilizáveis



Segundo andar: planos de transformar em uma sala de shows e debates

# Universitários põem ordem na casa

Nova geração pretende resgatar o deteriorado prédio do Centro dos Estudantes de Santos (CES). Primeira medida é um mutirão de reparos

LINCOLN SPADA  
DA REDAÇÃO

Na Avenida Ana Costa número 308, um prédio com janelas partidas, sem campainha e portão alto e intimidador (onde uma placa avisa *cuidado, cão bravo*) destoa das construções vizinhas. A fachada sombria do lado de fora esconde as cores vivas estampadas no lado de dentro: este é o Centro dos Estudantes de Santos (CES).

Por isso, a atual gestão da entidade estudantil mais antiga do País – fundada em 8 de janeiro de 1932 – iniciará uma série de reformas nas estruturas físicas de sua sede.

Ao mesmo tempo, pretende retomar ações que fizeram do endereço o epicentro de políticas públicas para a juventude, principalmente por direitos nas áreas da Educação e de transporte público.

A primeira iniciativa 'saneadora' será amanhã. Às 9 horas, está previsto um mutirão de limpeza e de reparos no prédio. A classe universitária, bem como a população em geral, está convidada a participar, seja oferecendo materiais (vidros, telhas e tintas), quanto mão-de-obra (para reparos elétricos, de carpintaria e de pintura).

"Toda ajuda faz uma diferença enorme. A gente busca uma verdadeira participação coletiva em nossas ações, como uma *corrente do bem*", diz Marina Pereira, integrante da diretoria.

Em seus planos, vislumbra a instalação de uma linha telefônica na casa estudantil. Na falta do telefone oficial do centro, interessados em colaborar com o mutirão podem ligar para 9770-0034 (Marina) ou escrever ao e-mail [contatoces@gmail.com](mailto:contatoces@gmail.com).

## Controle

**"Tudo nas festas está sob o nosso controle. Expulsamos quem pensa que aqui é lugar só para drogas ou orgia. E nosso som não costuma perturbar os vizinhos"**

Marina Pereira, estudante de Serviço Social e diretora do CES

### ORA FESTAS, ORA DEBATES

Estudante de Serviço Social na Unifesp, Marina foi conhecer o CES apenas em janeiro. Após crescer vendo a mãe envolvida nas lutas sindicais, e, nos últimos anos, acompanhando os protestos do Movimento Passe Livre, a jovem entrou pela primeira vez no centro justamente durante as últimas eleições.

Com mais 11 universitários, apropriou-se das discussões. "Sempre aprendi que política fazemos no dia a dia". Política essa que passa longe do partidário: na atual diretoria, raros são filiados a alguma legenda. "O CES não nasceu para ser um instrumento de partidos. Grande parte de nós segue uma linha mais anarquista, que tudo deve ser decidido como um coletivo".

Uma das ações do coletivo é a ocupação do CES. Cinco pessoas – alguns universitários, outros ex-estudantes – revezam-se no intuito de zelar pelo edifício durante todo o dia.

Aos 25 anos, ela crê na revitalização de uma entidade octogenária, para ser "um reduto cultural de resistência e de



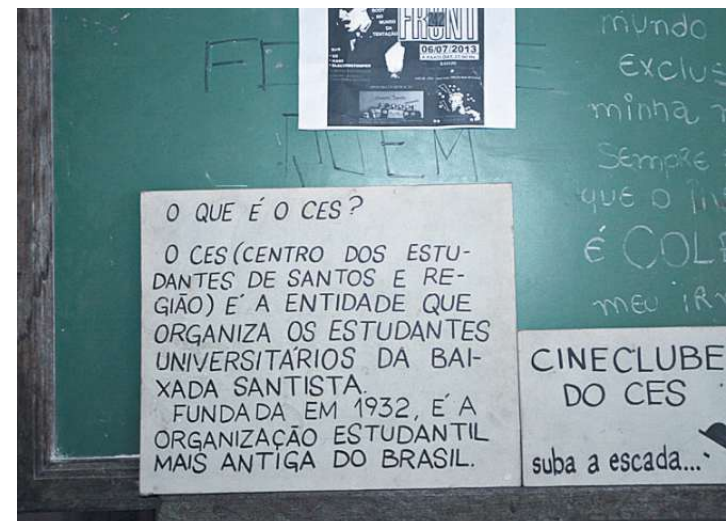
As condições precárias da sede destoam dos prédios da vizinhança

formação política, com um movimento estudantil forte e ativo".

Por isso, são realizadas festas toda sexta-feira, com apresentação de bandas *underground*. "Tudo nas festas está sob o nosso controle. Expulsamos quem

pensa que aqui é lugar só para drogas ou orgia. E nosso som não costuma perturbar os vizinhos".

Graças à ajuda de custo na entrada e à venda de bebidas e salgadinhos no Bar-Ato, o centro



No quadro, bem simples, a função do CES: organizar os estudantes

se sustenta. Ela estima, todo mês, cerca de 300 pessoas participam das atividades no CES. Em junho, por exemplo, a entidade lucrou R\$ 1.697,00, verba guardada para despesas e futuras manutenções no local.

O lugar também já abriga ensaios do Grupo Teatro do Oprimido e debates de movimentos sociais, como o Passe Livre. Mas, após os mutirões de limpeza, o CES também pretende ampliar essa atuação, organizando palestras e reuniões de formação política.

### POR DENTRO DO CES

"Tenho a sensação de já conhecer esse lugar há anos", diz Marina, na sala de entrada da entidade, que reúne caixas de vinhos, de Chico Buarque a Dorival Caymmi. Contudo, a trilha das noites do CES é feita com som ao vivo, em um cômodo estilizado com grafites de bandas de rock.

No mesmo andar, também há almoxarifado (previsto co-

mo uma futura biblioteca e laboratório musical) e quatro banheiros, sendo que um par deles necessita de reparos. Ao fundo, a cozinha, transformada no Bar-Ato, à noite. Com uma cobertura improvisada com caixas de leite, no mutirão, o que se espera é que o espaço receba novas telhas.

Atrás do edifício do CES, um quintal com paredes ilustradas. Há de uma guitarra que vira flor, até uma mulher grávida de uma caixa de som.

A natureza também se faz presente. São pés de urucum e de munguba, ornando a frente de um galpão de aparência desastrosa, onde as goiteiras se multiplicam. Ali, a previsão é de que se transforme em um salão de festas e de oficinas artísticas.

No entanto, Marina frisa, nenhum problema na infraestrutura atrapalha os sonhos da diretoria. E conclui: "Quem passa pelo CES, vê a vida de um jeito diferente".

## Da direita à esquerda, a metamorfose do CES ao longo de 81 anos de História

Estudante de Ciências do Mar, Bruna dos Santos Azevedo, de 27 anos, também é apaixonada pelo Centro dos Estudantes de Santos. Graduada em História, desde 2008, frequenta as atividades da casa, interessando-se pelo seu passado.

Há alguns meses, investiga sozinho documentos espalhados pelo CES em órgãos oficiais (há 1.130 páginas disponíveis no site do Arquivo do Estado), cartórios e jornais. A razão para tamanha empenho é que "quem não conhece História, anda no escuro".

Entre suas anotações, está que "o CES é fundado pela comissão da Revolução Constitucionalista, sendo mais ligado à direita. Nas décadas de 40 e 50, luta pelos direitos de movimentos sociais e sindicais".

Em 1955, a então sede, na Rua Sete de Setembro, foi transferida para a atual casa na Avenida Ana Costa, com recursos dos bailes que o centro promovia na Sociedade Humanitária – e que atraíam as altas

## Burocracia

**"Nos anos 90, houve uma certa lacuna na formação política. Até mesmo porque em todo o Brasil, após a Era Collor, o movimento estudantil se burocratizou"**

Bruna dos Santos Azevedo, historiadora

classes santistas.

"Desde os anos 50, e pelos anos 60, junto ao Partido Comunista, o centro se posicionou radicalmente à esquerda política". Nessas décadas, as principais bandeiras do CES já eram os direitos à Educação e ao transporte público.

"Com orgulho, posso dizer que, em 1963, nascia o trisavô do Passe Livre", enaltece a historiadora. Contrários ao aumento na tarifa do bonde, os jovens colocaram uma mesa de xadrez em cima dos trilhos da Avenida Ana Costa, parando o

trânsito na Cidade.

Nessa década, a entidade mantinha olimpíadas, concursos literários, cursos de alfabetização, de Jornalismo e até Biblioteconomia.

Em 1968, os diretores do CES foram presos e a casa repassada à Universidade Federal de São Carlos. O centro só se rearticulou nos anos 80, em uma sala na Rua Carvalho de Mendonça. O antigo prédio só foi devolvido à entidade após ser ocupado, em 1982.

"Nos anos 90, houve uma lacuna na formação política. Até mesmo porque em todo o Brasil, após a Era Collor, o movimento estudantil se burocratizou", justifica. Assim, é a partir dos anos 2000 que o CES se reinventa, em parceria com movimentos sociais.

Na vanguarda estudantil, a entidade recebeu muitas lideranças políticas em seus 81 anos: Mário Covas, Esmeraldo Tarquínio, Oswaldo Justo, Edmur Mesquita, Raul Christiano e Gastone Righi foram alguns deles.



A fachada do Centro em 1971, em plena ditadura, quando o prédio fora confiscado pelo governo militar